

A CONTRADIÇÃO DO NÃO IDÊNTICO SOB O ASPECTO DA IDENTIDADE NA “DIALÉTICA NEGATIVA” DE THEODOR ADORNO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO

*Hildemar Luiz Rech**

*Isaías Batista Lima***

Dialética Negativa e Razão Crítica

Para Adorno, o conceito se explicitou como insuficiente e a práxis se mostrou falha no contexto do Iluminismo e, especialmente, no capitalismo tardio. Independentemente do que pretendesse a teoria, o retorno à Filosofia se impôs pela própria não identidade entre teoria e práxis e pelas próprias carências e deficiências inerentes a ambas. E, por isso, a consciência do não idêntico entre a realidade e o conceito, entre a práxis e a teoria é o núcleo da dialética negativa (ADORNO, 1995a).

A razão crítica apoiada na dialética negativa significa um movimento de ruptura com a razão identificadora que, segundo Adorno, sustenta o equívoco de procurar explicar o mundo a partir da construção de uma identidade com ele. Identidade esta realizada apenas de modo teórico e imposta unilateralmente pela práxis, como se a realidade pudesse ser encaixada sem resíduos em modelos teóricos de identificação (ADORNO, 1975).

Adorno assume a contradição performática de uma ação que, objetivando transformar o mundo, mesmo que apenas com base no esclarecimento, sabe que isto não é integralmente possível, visto que emanações e irrupções de violência,

* Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH da UNICAMP, SP, e pela Universidade de Manchester, Inglaterra; professor e pesquisador no Departamento de Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, FAGED-UFC.

** Professor assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE/CECITEC), filósofo, especialista em Filosofia Política, mestre em Educação, doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará e pesquisador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC.

arrogância e barbárie teimosamente insistem em se reproduzir na sociedade e na história, simultaneamente como as promessas de liberdade e de emancipação (HORKHEIMER e ADORNO, 1985).

A dialética hegeliana, assim como todas as formas de pensamento cartesiano, caracteriza-se por uma onipotência paradigmática que se satisfaz com a atividade conceitual. A ideia da insuficiência do conceitual, perante a complexidade e a dinâmica não totalmente assimilável do real, é apresentada na própria autorreflexão crítica de Adorno. Por isso, a "dialética negativa", ou seja, seu método, não tem a pretensão de se constituir em um novo paradigma. Ela tem apenas a pretensão de desvelar a negatividade do argumento ou do conceito a partir dele mesmo, sem impor uma solução absolutista na forma de uma síntese inquestionável e unificadora, surgida da relação entre os opostos, como proposto por Hegel.

Não há síntese que se constitua em uma solução que resolva a contradição definitivamente, pois a contradição é parte inextinguível e intransponível, tanto do intelecto quanto da realidade empírica. Na verdade, é o entrelaçamento entre os opostos que a "dialética negativa" busca explicitar, sem com isso sobrepor ou projetar a subsunção de uma alternativa na outra na relação. Ou seja, sem substancializar a unidade ou a diferença que estas categorias possam ter no plano da lógica formal.

Ao denunciar o enredamento do mito com a razão iluminista, ao mostrar o caráter calculista, instrumental e positivista que cerca as ideias da técnica, da ciência, do progresso, do mercado e da cultura no mundo moderno, e ao observar a reificação e o cinismo que perpassam não somente as relações econômicas de produção, mas toda a esfera cultural, Adorno instaura, a contrapelo, a categoria de não idêntico, não para propor um novo paradigma pós-moderno, mas para realizar uma crítica imanente da razão iluminista e da dialética hegeliana.

Já em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno e Horkheimer desmascaram a racionalidade

iluminista que cede à ação instrumental e à racionalidade estratégica, acabando por recair, de modo inconsciente, em seu contrário, o mito. Na *Dialética Negativa* (1975), Adorno destaca a insuficiência dos conceitos constituídos no cerne da subjetividade e recorre à autocrítica reflexiva da razão, para que, desse modo, realize-se uma autoultrapassagem. O que, em outras palavras, significa que a crítica da razão deve ser feita por seus próprios meios.

A contradição inerente a uma racionalidade não crítica é exposta quando a razão crítica desvenda a dialética entre o mito e o esclarecimento, constatando o seu próprio antagonismo com o mundo real e percebendo que as próprias condições da razão não são puramente lógicas. Desse modo, a razão crítica descobre o não idêntico paradoxalmente entrelaçado com o idêntico. Segundo Adorno, é somente com tal iluminação crítica que a razão pode alcançar uma coerência mais abrangente e contribuir para alargar a tessitura das práticas de emancipação humana, sem, contudo, poder alcançar soluções plenas e irreversíveis nesta direção.

Assim, o paradoxo instalado no cerne da razão não pode ser eliminado de forma definitiva, pelo fato de constituir um momento inarredável do intelecto, o qual tem em si mesmo uma constituição equívoca. Enfim, o pensamento pode atuar criticamente de modo interno contra si mesmo, sem renunciar a si próprio. A "dialética negativa" sempre persegue o momento paradoxal inextinguível do pensamento que, por outro lado, também não pode ser superdimensionado ou ontologizado (ADORNO, 1975).

Adorno não pretende sacralizar ou idolatrar a negatividade e o não idêntico, nem cristalizar o conteúdo irracional da racionalidade e da história humanas. Sua filosofia se propõe a desbaratar e a desvelar os paradoxos e as contradições, visando redirecionar a ação humana e a própria realidade a novos rumos criticamente iluminados mediante uma práxis voltada à consecução da liberdade e da emancipação humana, porém sem a ilusão de que isto possa ocorrer de modo definitivo e acabado – visto que, qualquer nova "síntese", ou

totalização sistêmica e histórico-social, representa a instalação de novos paradoxos e contradições, de novas possibilidades de barbárie que se reinscrevem no novo horizonte, porém a serem enfrentadas, sem tréguas pela razão crítica e pela práxis redimensionada criticamente.

Porém, para Adorno, as sínteses histórico-sociais são algo tão necessário para a vida humana como o próprio oxigênio. Da mesma forma, uma síntese histórico-social promotora das condições de vida, de liberdade e de emancipação humana deve ser buscada com intensidade, em contraposição, a formas de síntese em que estas condições se encontram impossibilitadas, atrasadas ou deterioradas. No entanto, nenhuma síntese histórico-social deve ser encarada como algo definitivo e absoluto, como fetiche, pois em seu âmago estão inscritos, de modo inexorável, novas contradições, paradoxos, erros, deficiências, carências e equívocos, que devem ser enfrentados de modo permanente pela razão crítica.

Reflexões Pontuais sobre as Formas de Abordagem da Dialética Negativa

Da mesma forma como Adorno se posiciona criticamente em relação à consciência identificante – que subjuga e adapta pragmaticamente o sujeito ao objeto e restringe a atividade do pensamento e da razão à busca de identificação com o mundo das relações materiais e sociais –, ele também se posiciona contra as ideias de negatividade absoluta e do não idêntico substancializado, concepções estas consideradas por ele como contrárias à abordagem dialética. Desse modo, ele por vezes postula a própria identidade e a ideia de totalidade, em oposição ao não idêntico, como aquilo que efetivamente se impõe de modo sistemático no mundo real (TIBURI, 1995).

Adorno se empenha pela recuperação da dialética, como crítica à metafísica da identidade e como contraposição à razão instrumental – tecnicista e calculista – que está a serviço da lógica irônica, cínica e perversa da dominação e da explora-

ção, até os limites, ou mesmo além dos limites, da natureza e dos homens.

Para Adorno, o próprio caráter negativo da dialética é índice de que há de falso na identidade. Se pensar é identificar, neste proceder, no entanto, interpõe-se o não idêntico como contradição sob o aspecto da identidade;

[...] o primado do princípio de contradição no interior da dialética mede o heterogêneo p \tilde{e} la id \tilde{e} ia de identidade [...]. Contradição \acute{e} n \tilde{a} o-identidade sob o conju \tilde{r} o da lei que afeta t \tilde{a} m \tilde{b} em o n \tilde{a} o-id \tilde{e} ntico [...]. (C. ADORNO *apud* MATOS, 2005, p. 82).

A via negativa da dialética \acute{e} , para Adorno, o modo mais adequado para a raz \tilde{a} o cr \tilde{i} tica abrir caminhos para a emancipa \tilde{c} o e a liberdade humanas. No cerne da l \tilde{o} gica da raz \tilde{a} o iluminista e instrumental, o pensar se constitui na identifica \tilde{c} o via proje \tilde{c} o do eu, sem o devido lugar para as media \tilde{c} o \tilde{e} s. Na contram \tilde{a} o da subjetividade autorit \tilde{a} ria e "unidimensional" de matriz cartesiana e da dial \tilde{e} tica especulativa e apote \tilde{o} tica de Hegel, Adorno investe na dial \tilde{e} tica negativa, de modo que a sua ideia de conceito aparece entrela \tilde{c} ada com o n \tilde{a} o id \tilde{e} ntico e a sua ideia de subjetividade se constitui dialeticamente, envolvendo mobilidade, contradi \tilde{c} o interna e supera \tilde{c} o cr \tilde{i} tica, tendo como refer \tilde{e} ncia indispens \tilde{a} vel o seu enredamento com o conceito de n \tilde{a} o id \tilde{e} ntico.

A filosofia, para Adorno, tem que assumir a autorreflex \tilde{a} o e, por meio deste procedimento, adquirir clareza sobre a sua pr \tilde{o} pria m \tilde{a} consci \tilde{e} ncia e sobre os permanentes resqu \tilde{i} cios e reemana \tilde{c} o \tilde{e} s de barb \tilde{a} rie, de marginaliza \tilde{c} o e de viol \tilde{e} ncia no ambiente da modernidade tardia. Somente assim ter \tilde{a} uma consci \tilde{e} ncia adequada de si mesma e da realidade social d \tilde{u} bia e contradit \tilde{o} ria em que est \tilde{a} inserida.

Contra a assimila \tilde{c} o alienante aos padr \tilde{o} es de identifica \tilde{c} o do sistema, Adorno prop \tilde{o} e uma subjetividade de vigil \tilde{a} ncia sistem \tilde{a} tica. A "dial \tilde{e} tica negativa" de Adorno apresenta um procedimento sistem \tilde{a} tico que se apoia sobre um paradoxo inerente. A prop \tilde{o} sito, observa Christoph T \tilde{u} rke (2004, p.48):

PERGAMON
BCCE/UFC

O verdadeiro procedimento sistemático persegue a dinâmica da causa em questão. Por isso, ele não chega a um sistema encerrado em si mesmo, enquanto qualquer sistema é forçado, num certo ponto a desistir desta dedicação sistemática à causa para ter condições de aprisioná-la em suas gavetas conceituais. O sistema tem que interromper o curso sistemático para encaixar a causa, enquanto a causa, perseguida de acordo com suas próprias necessidades, nunca se encaixa no sistema. Tal paradoxo é que domina a Dialética negativa inteira.

De outro ângulo, ainda cabe observar que a própria subjetividade e o intelecto humano também não conseguem expressar as coisas do mundo real de modo inequívoco, a ponto de torná-las unívocas, fixas e identificadas de uma vez para sempre. As coisas – os objetos naturais e culturais – impõem perspectivas em movimento ao intelecto o que lhe permite somente expressar os objetos como eles lhe aparecem em determinado instante em suas circunstâncias contextuais. Assim, o intelecto, de certo modo, está sempre sujeito ao equívoco em seu movimento de conhecimento. Ao mudar a perspectiva das coisas, a aparência muda também e os conceitos não conseguem jamais estabelecer uma congruência plena e integral com a realidade que pretendem explicar. Desse modo, o cerne da “dialética negativa” de Adorno se constitui na base da autorreflexão do equívoco com seus diversos significados.

Segundo Türcke (2004, p.50-51):

Há equívocos meramente subjetivos, que resultam da falta de precisão conceitual, os quais são passíveis de correção. Há, no entanto, também equívocos que não se eliminam nem com o máximo de argúcia: equívocos objetivos, que se devem à incongruência principal entre intelecto e “realidade”. A dialética consiste em desdobrá-los de modo racional, evitando cair em suas armadilhas [...]. Dialética negativa não é senão lembrar e enfrentar a insuficiência do conceito.

A negatividade dialética de Adorno se exprime ao modo de um tema com múltiplas variações, sendo que o próprio

tema, segundo Türcke (2004), não existe sem as variações, só podendo manifestar-se mediante elas. Porém, a sequência ou o entrelaçamento das variações não obedece a uma lógica estrita ou pré-concebida, ou seja, as variações não resultam umas das outras de modo logicamente necessário, não formam elos de uma cadeia lógica necessária e inexorável, que ou chega a um fim ou volta ao início. Formam antes o que Adorno, em outro contexto, chamou de "constelação". Desse modo, é inadequado conduzir esta dinâmica pelos conceitos de fundamento e de consequência, visto que o próprio tema questiona a validade incondicional dos termos.

A identidade do tema não é o fundamento porque a identidade não pode constituir um todo genérico e abstrato que exclua ou que absorva de uma vez por todas as aquisições contingentes. Ou seja, o progresso imanente ao todo e as conexões que compõem a totalidade ficam sempre confrontadas com o contingente, o não idêntico, a antítese e a diferença, que não são assimiláveis, de modo integral e definitivo, em uma síntese do todo.

A propósito, como destaca Türcke (2004, p.51):

A passagem de uma 'variação' a outra nunca é coercitiva, 'nem inexorável' e não carece de momentos saltitantes, tampouco é meramente arbitrária [...] Contudo, as variações apontam uma para as outras, fazendo com que o conjunto delas forma uma estrutura de explicação recíproca. Assim, a explicação "relacional" das variações e a do tema é a mesma coisa [...] Só que o centro, ou seja, o tema, não se abre senão mediante as variações que apontam para ele, ou seja, não há acesso imediato.

Ao aplicar a "dialética negativa", em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno, juntamente com Horkheimer, observa que somente um pensar, que capta sua própria insuficiência e inadequação em relação ao real, é capaz de enfrentar processualmente e de modo insistente e permanente o pensamento mítico. O Iluminismo apresentou-se totalitário ao ser aprisionado pela razão instrumental. O núcleo duro do pensar iluminista abraçou a violência contra a

natureza interna e externa. O que os homens querem aprender da natureza, via enquadramento imposto pelo pensamento cientificista e tecnicista moderno, é como manipulá-la para dominar completamente sobre ela e sobre os homens, mas isso resulta na perda de sentido para a humanidade. Neste contexto, eles substituem o próprio conceito pela fórmula e a busca da causa pela regra e pela probabilidade. A "dialética negativa" representa uma crítica sistemática a este tipo de pensamento sistêmico fechado e movido pela razão instrumental.

A "dialética negativa", mais do que isto, pretende ir além do conceito, através do próprio conceito. Intenta colocar em evidência o paradoxal, o descontínuo, o não idêntico, o descompasso e a inadequação entre o conceito e o real. Destaca a descontinuidade entre a metodologia do pensar e a realidade concreta. A sua orientação é antissistêmica e implica uma crítica à ideia de fundamentação. Com os meios de uma lógica dedutiva, a "dialética negativa" se propõe a rechaçar a substancialização do princípio de unidade e a onipotência suprema do conceito. Sua intenção é, ao contrário, colocar em foco o que existe fora do embuste de tal unidade arrogante. Em outras palavras, a tarefa da "dialética negativa" é a de quebrar a força prepotente (a húbri) do sujeito e desmascarar o engano de uma subjetividade constitutiva.

Por outro lado, visto que o ente não existe imediatamente, senão apenas mediante o conceito, parece que, para Adorno, haverá que se começar pelo conceito e não pelo simples dado. Porém, os traços racionais do conceito entrecruzam-se com seus traços arcaicos e irracionais. Assim, a intuição nos diz que restos do pensamento e o ideal cognitivo estático se atravessam em meio a uma consciência dinamizada.

O conceito, segundo Adorno, tem uma exigência imamente de invariabilidade, que é a que cria a ordem frente à mobilidade e à fluidez de seu conteúdo. Esta mobilidade e fluidez são negadas pela forma do conceito, que, desse modo, é marcado pela falsidade. Antes de todo conteúdo, o conceito em si mesmo torna independente sua própria forma frente aos conteúdos, ou seja, de imediato, afirma o princípio

de identidade. Algo que é postulado simplesmente por sua utilidade para pensar é tomado por uma realidade em si, firme e constante. O pensamento identificante objetiva por meio da identidade lógica do conceito. A dialética, por ser subjetiva, tende a pensar que a forma do pensamento já não converte seus objetos vistos como imutáveis e sempre iguais a si mesmos; a experiência contradiz tal imobilismo. A consciência individual, como antecipação abstrata da unidade, tem que sustentar toda a classe de identidade, como já argumentava Kant, a este respeito ver (ADORNO, 1975, p.156-160).

Tentando escapar da submissão da linguagem a um modelo prévio de pensamento, o estilo de Adorno aferra-se à presença concreta da constelação das palavras, a qual, todavia, não se satisfaz com a forma da sentença. “Esta, como unidade, nivela a multiplicidade que se encontra nas palavras.” (ADORNO, 1973, p.102).

Não há, porém, nenhum poder mágico ou autônomo da palavra ou da escrita, pois para o autor uma constelação de conceitos só possibilita o conhecimento do objeto enquanto instala uma via de aporte ao mundo da natureza e da cultura e ao processo tecnológico, econômico-social, cultural e histórico neles acumulado.

O pensamento somente está municiado daquilo que é não particular, ou seja, da universalidade dos conceitos – por conseguinte, de meios que são por definição macrológicos –, para efetivar-se como micrologia, em outras palavras, para conhecer o singular e o individual.

Adorno recusa-se a instaurar um novo sistema paradigmático de conhecimento e opta por um método e um modo de pensamento que tem como referência a não sedimentação do paradoxo, do não idêntico e da negatividade e que se desenvolve por meio de uma tessitura de conexões sistematicamente articuladas, porém avessas a um engavetamento sistêmico. Em outras palavras, o próprio conceito adorniano de “especulativo” denota resistência e negatividade crítica ao estabelecido.

O entendimento de que o imediato é marcado pelo equívoco e de que o factual é fonte de erros nutre a crítica de Adorno ao positivismo. Por outro lado, a sua crítica também se orienta contra os esquemas idealistas que se apoiam em princípios apriorísticos e estáticos, concebendo de forma harmoniosa e unitária a relação entre o lógico (e o conceitual) e o histórico, o teórico e o empírico. Desse modo, Adorno também recusa a filosofia idealista visto que esta se circunscreve exclusivamente à imanência de construções lógico-subjetivas do conceito, identificando, de modo equivocado, teoria e unidade formal, universal e particular. Porém, mesmo refutando o idealismo, a teoria, de acordo com o prisma adorniano, não pode prescindir da especulação. Por isso, para melhor desenvolvê-la, convém concebê-la em um sentido mais amplo que aquele que possuía em Hegel, o qual, segundo Adorno, teria positivado o especulativo ao vinculá-lo com o terceiro momento da dialética, o racional positivado, privando-o daquilo que mais interessa: a negatividade, o potencial crítico.

A preocupação de Adorno com o processo social, cultural e histórico acumulado no tempo e no espaço e, por outro lado, com a rejeição do apriorismo lógico, ontológico e conceitual não acarreta, contudo, o abandono ou a desapareição do sistemático em suas reflexões e elaborações teóricas.

Considerações sobre o Conceito de Síntese na “Dialética Negativa” de Adorno

De acordo com Christoph Türcke (2004), as acusações estereotipadas mais usuais em relação à “Dialética Negativa” de Adorno se amparam na suposição equivocada de que ela não apresenta nenhuma ancoragem sintetizante.

Entretanto, Adorno apresenta o entendimento de que a síntese deve ser questionada, apenas como ideia fundamentalista e apoteótica e como um vetor condensador de suprema cristalização e de aprisionamento da realidade a concepções e projetos paralisantes de dominação e de poder, e não como ato de pensar e atitude singular. Ou seja, para

Adorno, a síntese é inevitável e necessária. Para ele, abster-se da síntese funciona tão pouco quanto abster-se da alimentação.

Como destaca TÜRCKE (2004, p.57-58):

Não há identificação conceitual senão por síntese de inúmeras miudezas sensoriais a um só conceito, e não há sociedade senão por síntese de seres humanos e seus trabalhos, funções, poderes, instituições, etc. A síntese é condição de possibilidade, tanto de qualquer conhecimento, quanto de qualquer estrutura social.

No entanto, dentro do prisma da "Dialética Negativa", por intermédio dos conceitos identificadores e juízos sintetizadores, devem também ser detectados os defeitos da identificação e da síntese. Ou seja, a síntese deve ser vista com vigilante atitude crítica, já que ela, por mais esperanças promissoras que encerre, sempre traz embutida, de alguma forma, além de promessas e de projetos de liberdade e emancipação humana, práticas de violência, coerção, constrangimento, subordinação, discriminação, dominação, exploração e alienação, incorporando sempre elementos simulados ou explícitos de desfiguração mutiladora das relações sociais e da natureza. Portanto, a um só tempo, a síntese é indispensável e promissora, e também inadequada e reducionista e, por isso, contraditória e paradoxal.

A consciência crítica, embora desproporcional e quase impotente em relação à síntese, representa um ato iluminador, visto que consegue contrapor-se à síntese com seus próprios meios, alertando o pensamento e a prática política contra o equívoco das identificações petrificadas, alienantes ou marcadas pelo cinismo. Os defeitos e os equívocos da identificação e da síntese são captados por intermédio dos próprios conceitos identificadores e dos juízos sintetizadores, submetidos a uma crítica interna reveladora do paradoxo e das carências a eles inerentes.

Como escreve TÜRCKE (2004, p.58), a respeito da visão do conceito de síntese de Adorno na "Dialética Negativa":

'A síntese' capta as coisas, mas não lhe faz justiça, encaixando-as em vez de pronunciar sua índole, detendo-as em vez de abrir-lhes seu sentido. O espartilho da síntese não é a voz da coisa espartilhada nem seu porta-voz. É seu sucedâneo. O mais espantoso, porém, é o fato de a consciência humana ter condições de perceber isso. A insuficiência da síntese não fica impermeável a uma virada mental, que pode ser chamada de o milagre da reflexão. [...] Identificação e síntese formam a condição de possibilidade de tal virada e, ao mesmo tempo, seu objeto. Claro que a própria transformação não escapa do equívoco, mas lhe dá a luz da autoconsciência: a única possibilidade de movimentar-se nele de modo racional.

Enquanto que na filosofia hegeliana, por sua virtuosidade, a síntese é justificada e legitimada a qualquer custo, como motor divinizado da dialética, Adorno se ocupa em desmistificá-la, apontando as suas insuperáveis contradições e a sua configuração inelutavelmente tendente ao reducionismo. Os conceitos de síntese, de totalidade, de sociedade, de progresso e de história carregam em seu bojo, segundo Adorno, uma afinidade reciprocamente reveladora dentro de uma determinada constelação conceitual.

A ontologização ou a substancialização dos conceitos de totalidade e de síntese prefiguram e expressam uma forma de má consciência e representam um modo de alienação expressiva do intelecto. A ideia da existência de leis teleológicas imanentes à história, envolvendo uma sucessão depurativa de sínteses evolutivas, direcionadas a uma reconciliação apoteótica e absoluta entre o real e o racional para o fim da história não passa, para Adorno, de doce ilusão. Para Adorno, da mesma forma como para Walter Benjamin, a história se desenvolve em fragmentos, sendo que este processo de decomposição não oferece nenhuma garantia para uma identidade entre razão e realidade.

A história transcorre, de modo saltitante, sinuoso, imprevisível e, às vezes, surpreendente, no quadro das relações sociais entre diversos sujeitos e nos próprios interstícios entre sujeito e objeto – homem e natureza –, sendo que entre

os conceitos e as coisas existem descontinuidades, fissuras, inadequações, dessimetrias, descompassos e incongruências não absolutamente superáveis. Desse modo, a história se desenvolve onde não pode haver saber definitivo e onde a consciência é órfã da garantia teleológica de um desenlace histórico previsível.

Para Adorno, o movimento da história é apenas o espetáculo negativo de uma mudança, em que não existe a certeza para um caminho ascendente, mas em que o espírito da crítica pode fazer valer seu impulso de superação e reconciliação, mesmo que não de forma definitiva, no desmascaramento de todos os estados falsos de má consciência e no desbaratamento dos resíduos de barbárie instalados na ambiência social e material objetiva.

De acordo com este prisma, é necessário romper com a noção de história como um *continuum*, em que o bom termo é uma garantia imanente. Não existe nenhuma reta horizontal ou vertical que conduza a humanidade da barbárie à civilização.

Conclusão: Dialética Negativa e Educação

O capitalismo tardio caracteriza-se, entre outras coisas, pela administração técnica das esferas da produção, distribuição e consumo das mercadorias, mas em que a esfera do consumo adquiriu uma feição ideológica mais relevante em comparação com o quadro do capitalismo de matriz mais destacadamente liberal e produtivista. Ou seja, o capitalismo, em sua configuração tardia, acerceu-se de um aparato gerencial, administrativo, técnico, informativo e propagandístico tão envolvente e disseminado, que quase não há mais lugar para os indivíduos, para a expressão de um pensamento autônomo permeado pela experiência e para outra forma de razão que não seja a "ratio" instrumental, que ao mesmo tempo está na base do modelo de troca de equivalentes e tem suas raízes nos mitos (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

Portanto, para uma consciência crítica e reflexiva, trata-se de observar o que foi negado tanto na subjetividade quanto no indivíduo. Os sujeitos, sem dúvida, são as grandes vítimas desse processo, pois os pressupostos sociais que permitiram a existência dos indivíduos foram separados, pela obstrução da memória, da consciência social, e como tal praticamente desapareceram como força aglutinante no universo cultural abrangente.

A crítica à ideologia, assim, implica refletir especificamente sobre algum nível ou esfera – indivíduo, cultura, arte, indústria cultural, educação, relações de trabalho, filosofia – resgatando suas mediações, que foram negadas pela lógica da equivalência e pelas formas ideológicas de produção da aparência social.

Por outro lado, para Adorno, capacitar para a autonomia pressupõe a consciência de que não é possível a liberdade das ideias de modo abstraído da realidade material. Contudo, como a práxis falhou no período da alta modernidade e na modernidade tardia em estabelecer uma sociedade emancipada, resta como forma de consciência e de experiência a práxis teórica que se pauta na autorreflexão, ou seja, na consciência crítico-reflexiva, que entre as suas tarefas apresenta a proposição do desenvolvimento de uma educação crítica centrada sobre o sujeito. Pois, agir de modo heterônomo, curvando-se docilmente às normas e compromissos impostos pelo poder do capitalismo tardio administrado unilateralmente, acaba por reproduzir a barbárie.

Desse modo, na contramão da obstrução do pensamento e do entorpecimento da subjetividade, provocados pela razão instrumental, com suas ideologias totalizantes que impregnam todos os espaços sociais e a própria esfera da consciência, a única alternativa que resta é procurar recuperar uma consciência reflexiva permanente nos indivíduos, para assim possibilitar o surgimento de iniciativas individuais e de movimentos coletivos de resistência ao “*status quo*”, com perspectivas de emancipação social e política.

Para Adorno (1995b), a educação perdeu o seu caráter de emancipação e é preciso recuperá-lo. Neste prisma, a formação não se pode restringir a um método, mas implica em romper com a visão meramente tecnicista e positivista que impingiu hierarquias no conhecimento, propícias apenas à acumulação do capital e às conveniências do poder político instituído. Nessa direção, de modo unilateral, ocorre o elogio da competição, do mérito e da eficiência a qualquer preço, sendo ignoradas as aptidões, a criatividade, as motivações e a solidariedade dos indivíduos.

A educação acaba se tornando refém do desenvolvimento científico e tecnológico, vinculado ao capitalismo tardio, e a formação pelo trabalho é enquadrada ao ambiente de universalização da forma social do trabalho alienado, resultando em um aviltamento e em uma usurpação da individualidade do trabalhador e dos demais indivíduos dominados ou marginalizados na sociedade.

Ademais, o sistema educacional acaba ficando a reboque da indústria cultural, que expressa o modo repressivo da formação da identidade da subjetividade social contemporânea, empurrando os trabalhadores e os demais indivíduos a aceitar a dominação em seus próprios hábitos.

De acordo com Adorno (1995c), a educação para rimar com a emancipação, deve necessariamente estar amparada em uma autorreflexão crítica. Ela não pode consistir em um processo de modelagem de indivíduos, nem se pode restringir a uma mera transmissão de conhecimentos, mas deve antes visar uma formação expressiva da consciência crítica, consciência das contradições do universo econômico-social e político-cultural e das deficiências e contradições de sua própria constituição como sujeito.

O grande problema do conceito de emancipação é que ele, no contexto do capitalismo tardio, tornou-se muito abstrato, porque nestas circunstâncias a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia, ou seja, ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda e qualquer educação. Por outro

lado, a própria constituição da aptidão à experiência também envolve um processo de conscientização na forma de dissolução dos mecanismos de repressão da natureza interna dos indivíduos, não apenas de recalques que resultam em sintomas patológicos, mas também das formações reativas e ressentidas que deformam a potencialidade das próprias pessoas em lidar de forma mais distanciada e reflexivamente consciente com a experiência.

Por outro lado, na derradeira fase de sua reflexão filosófica, Adorno estava convencido que, no ambiente da indústria cultural inerente ao capitalismo tardio, objetivamente a mente dos trabalhadores tende a ser mais seduzida e conformada pela cultura de massa, do que por uma cultura consolidada de consciência de classe – mesmo naqueles grupos de trabalhadores cuja memória e pensamento ainda se mantém fortemente marcada por valores e ideias de antagonismo de classes sociais, nutridos por situações de vida injustas e por processos materiais opressivos e marcados por processos contraditórios de intensa exploração da força de trabalho. Desse modo, não apenas os assalariados, como também todas as camadas sociais dominadas e subordinadas encontram muitas dificuldades para resistir criticamente aos tentáculos do fetichismo cultural, ao frenesi das novidades tecnológicas, às imagens invasivas dos meios de comunicação, aos apelos sedutores ao consumismo e às malhas da pseudoformação.

Nesta perspectiva, a semicultura e a pseudoformação tornam-se empecilhos para a constituição de indivíduos com diversificada formação cultural e para o desenvolvimento de consciências com capacidade de distanciamento crítico frente ao enfeitamento da realidade imediata.

A propósito, para Adorno, a única forma de práxis que ainda pode alimentar iniciativas de resistência é a práxis teórica de uma consciência crítica autorreflexiva – na contramão da danificação da própria consciência exercida pela onipresença da indústria cultural, com seus produtos culturais portadores da ideologia do mundo totalmente administrado

-, pois somente ela pode sustentar a prevalência de formas de subjetividade expressiva contra a perpetuação alienante e onipresente de um processo sociocultural e político abstratamente anêmico.

Portanto, para Adorno, apesar da danificação disseminada da cultura, impõe-se como condição "*sine qua non*" o estabelecimento de uma crítica imanente das formações culturais no ambiente do capitalismo tardio, pois, somente desse modo, a chama utópica da emancipação não evaporará completamente.

A dialética negativa põe em movimento a força transformadora do não idêntico no processo econômico-social, político e cultural da sociedade. Nesta perspectiva, a educação aberta para a liberdade e a emancipação humana tem o papel político e pedagógico de alavancar a consciência social e política contra as formas opressoras e conservadoras de dominação e exploração. Ou seja, a educação, para ter sentido, não pode se submeter à perspectiva liberal e pragmática da competição individualista e nem a um positivismo produtivista da mera reprodução das relações econômico-sociais e políticas impulsionadoras da concentração e da ampliação da propriedade capitalista e das formas verticais e horizontais de seu poder.

A educação deve atuar contra a regressão dos sentidos, o embotamento mental e a paralisia do pensamento; ela deve impulsionar uma práxis a contrapelo das formas de alienação social e política, na contramão das práticas das burocracias institucionais da sociedade tecnicamente administrada. A educação, ademais, deve remar na contracorrente da indústria cultural com sua pseudocultura e suas formas anestésicas e deformantes de entretenimento, de espetáculo e de propaganda consumista.

Enfim, a educação deve propiciar uma capacitação subjetiva e reflexiva de distanciamento crítico da realidade e de concentração das energias libidinais e racionais para uma perspectiva efetiva de emancipação social. A educação não pode ir ao encontro da sociedade da sensação, substituindo a práxis e a teoria crítica por uma mera estetização da luta pela existência.

Referências

ADORNO, T. *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. "Teoria da semicultura". *Educação e Sociedade*, XVII, v. 56. Campinas: Papyrus & Cedes, 1996, p. 388-411.

_____. "Notas marginais sobre teoria e práxis". In: ADORNO T. *Palavras e sinais: modelos críticos II*. Petrópolis: Vozes, 1995a, p. 15-25.

_____. "Educação – Para quê?" *Educação e emancipação*, São Paulo: Paz e Terra, 1995b, p. 139-154.

_____. "A Educação contra a barbárie". *Educação e emancipação*, São Paulo: Paz e Terra, 1995c, p. 155-168.

_____. *Dialética negativa*. Madrid: Taurus Ed., 1975.

_____. "PARATAXIS". In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

_____. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

MATOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

TIBURI, Márcia. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 1995. (Coleção FILOSOFIA, n. 26).

TÜRCKE, Christoph. "Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa". In: ZUIN, Antônio., PUCCI, Bruno & RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Orgs.). *Ensaio Frankfurianos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-59.